

DEZ ANOS DA GUERRA DOS BOTÕES

Dez anos atrás, numa segunda-feira de julho de 2012, após ser defenestrado de certo órgão de imprensa local graças ao impagável Lorde Cochrane, dei início a uma coluna semanal no Facebook que chamei de “Anacrônicas da Franca do Imperador”, dando atenção a assuntos que não são atraentes para a mídia oligárquica que dominava a imprensa da Franca e do “Bananão”, país (imaginário?) criado por Ivan Lessa. De lá para cá, semana após semana sem falhar (são mais de 500 textos publicados) a “republicueta bananeira” só vem piorando. O jornal em que escrevia acabou, Franca nem jornal impresso tem mais. Vieram o golpe de Estado, Temer, fake news a vontade, eleição do Bozo, pandemia, negacionistas da ciência anti-vacina, milicos e autoritarismo de volta ao “podê”, aumento da corrupçãum de empresários, políticos e juizes, centrão de posse do orçamento público, destruição ambiental, do patrimônio histórico, das artes, universidades, cultura, enfim, uma esbórnia que obriga quem quer o melhor para o país sem pestanejar um replay no número 13. Pra lembrar, leia de novo “A guerra dos botões”, a primeira anacrônica livre de censura. Até quando, não sabemos, aproveitem.

Só recentemente assisti ao filme “A guerra dos botões”, que passou no cine Odeon na época e não pude ver. É um filme francês de 1962, ainda em preto e branco, que conta a história de um grupo de garotos de dois povoados franceses no imediato pós-guerra e que ganhou prêmios à época pela sensibilidade no trato das diferenças entre grupos. Uma das cenas, antológica, mostra os meninos querendo vender selos ao padre para combater a tuberculose, e lembrei-me que também fizemos isso, a escola estabelecia uma cota para a gente vender.

Durante a adolescência, participei também de uma guerra dos botões. O Henrique Conti, menino educado e inteligente, resolveu fazer um campeonato de futebol de botões entre a molecada do IETC. Havia um detalhado regulamento e uma tabela de jogos. Eu nunca fui muito bom nisso, mas montei um time da Prudentina razoável, com botões vermelhos e um goleiro que era uma caixa de fósforos cheia de chumbo que só caía a pedrada, fechava o gol mais que o “São Marcos” do Palmeiras. Eu mesmo fiz o goleiro tricolor, usando esparadrapo branco e fitas de eletricista preta e vermelha.

No intervalo das aulas, no pátio do IETC que isolava meninos de um lado e meninas de outro, o Henrique passava com uma cópia em papel carbono do calendário dos jogos, com o horário e o endereço da casa do moleque que sediaria o jogo e o nome do juiz. Havia previsão de turno e retorno inclusive. Mais organizado que os campeonatos da CBF, sem direito a tapetão. E não havia a cobrança de nenhuma taxa para o Ricardo Teixeira.

Na primeira rodada, na estréia jogada no porão da minha casa, a Prudentina deu o maior sufoco no adversário (não lembro quem era), mas ele ganhou com um gol nos acréscimos que o juiz ladrão e sem-vergonha deu sem maiores explicações. Ao mesmo tempo, nas outras casas, o pau moía também. No dia seguinte, no pátio do IETC, o Conti foi cercado por uma turba de perdedores reclamões, mas não adiantou nada. Com a fleuma e a inteligência que tem, desmontou os argumentos de todos os derrotados.

Na segunda rodada, meu time ia jogar fora, na casa do César Meneghetti, na rua Saldanha Marinho. Às sete da noite, desci da igreja matriz para a casa dele com meu time numa caixinha. Procurei o número indicado, não existia. Os números das casas aumentavam e diminuíaam sem lógica alguma. Não encontrei o “estádio” adversário. Frustrado, voltei para casa.

No dia seguinte, soube que havia perdido por WO. Reclamei com razão, pois ocorre que, antes do Plano Diretor, a numeração das casas era uma bagunça, isso foi organizado pouco depois pelo dr. Lancha em seu governo. Não adiantou. Em protesto, abandonei o campeonato, que não terminou, pois as brigas foram tantas que o Conti preferiu desistir de organizar aquela gente complicada e arrumar uma namorada, atividade na qual se deu bem melhor.

Mauro Ferreira é arquiteto